

TREINAMENTO DE COLEGAS TUTORES COMO AUXÍLIO À INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Maria Luiza Salzani Fiorini

Universidade Estadual Paulista, Unesp – campus de Marília

Marli Nabeiro

Universidade Estadual Paulista, Unesp – campus de Bauru

As aulas de Educação Física promovem atividades como jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas (BRASIL, 1998). Os professores de Educação Física, cotidianamente, necessitam estabelecer estratégias de ensino e selecionar recursos pedagógicos adequados e/ou adaptados para que seu alunado realize as atividades propostas (SEABRA JÚNIOR; MANZINI, 2008; BLOCK, 2000). Especificamente no caso de alunos com deficiência regularmente matriculado no Ensino Regular, uma das estratégias pode ser a Tutoria (NABEIRO, 2010; SOUZA, 2008). O aluno sem deficiência que voluntariamente auxilia um aluno com deficiência, durante as atividades, a receber o maior número de instruções, informações e *feedback* é denominado de Colega Tutor (NABEIRO, 2010, 2002).

Em decorrência de um estudo sobre a intervenção com o professor de Educação Física para inclusão educacional do aluno com deficiência visual (FIORINI, 2008)¹, foi realizado um treinamento de Colega Tutor para uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, no qual estava matriculado um aluno com cegueira total, de uma cidade da região Centro-Oeste do Estado de São Paulo.

O treinamento de Tutores pautou-se no modelo tradicional elaborado por Houston-Wilson et al. (1997) e foi delineado em três etapas: 1) dinâmica com imagens; 2) sensibilização e vivência da deficiência visual;

3) treinamento específico e avaliação escrita. Estipulou-se que, a primeira e a segunda etapas aconteceriam com todos os alunos da sala, para que todos pudessem contribuir e se engajarem com a questão e, a terceira e quarta etapas seriam desenvolvidas com alunos indicados pelo próprio aluno com deficiência visual.

PRIMEIRA ETAPA DO TREINAMENTO PARA COLEGAS TUTORES

Inicialmente foi realizada uma conversa com o aluno com deficiência visual para explicar a intervenção que seria realizada. Com o aceite do aluno, foi explicado com a turma sobre a deficiência visual, tendo o aluno colaborado nas respostas sobre as curiosidades dos colegas de turma em relação à deficiência em questão.

Com o objetivo de transmitir informações e dicas aos alunos sem deficiência sobre os modos de aproximação, auxílio e condução do aluno com deficiência visual, buscou-se um procedimento adequado aos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental e que ainda não eram alfabetizados. Para isso, recorreu-se ao uso de algo familiar a tal faixa etária: dinâmica com imagens (ORLANDO, 2007). Ao todo foram utilizadas seis imagens que retratavam situações do cotidiano escolar entre aluno com deficiência visual e alunos sem deficiência, para que as crianças da turma dissessem o que perceberam em tal figura, como agiriam neste caso e colorissem a parte representativa.

¹ Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências, Unesp – Marília, sob o Processo nº. 1019/46/01/08

A “Figura 1” representou a ideia da responsabilidade que o colega tutor precisa ter ao proteger o aluno com deficiência do perigo. A parte a ser colorida era o espaço que representava o perigo.



Figura 1 – Responsabilidade. Fonte: (FIORINI, 2008).

A “Figura 2” foi sobre a locomoção do aluno com deficiência visual. O elemento principal e que foi colorido pelos alunos foram os braços dos personagens desenhados.



Figura 2 – Locomoção. Fonte: (FIORINI, 2008).

Na “Figura 3” foi abordado o respeito entre todos os alunos. O foco a ser colorido foi a criança desenhada no centro de todas as outras e que representava o aluno com deficiência.



Figura 3 – Respeito. Fonte: (FIORINI, 2008).

A “Figura 4” enfatizou o sistema de maior independência no qual objetiva-se a performance do aluno com o mínimo de intervenção. Salientou-se a importância da comunicação verbal, da informação auditiva, da narrativa dos fatos ocorridos e que irão acontecer.



Figura 4 – Informação verbal. Fonte: (FIORINI, 2008).

A “Figura 5” continha uma situação de alunos brincando com bolas e o direcionamento da conversa foi no sentido de levar os alunos à percepção de algumas estratégias para melhor conduzir os movimentos do aluno com deficiência visual nesse tipo de atividade.



Figura 5 – Brincando com bolas.

Fonte: (FIORINI, 2008).

A “Figura 6” representou uma situação de uso da corda-guia, que pode ser utilizada na locomoção da pessoa com deficiência visual.



Figura 6 – Corda-guia.

Fonte: (FIORINI, 2008).

SEGUNDA ETAPA DO TREINAMENTO PARA COLEGAS TUTORES

Compreendeu uma dinâmica em grupo realizada por meio de uma vivência para que todos os alunos da turma passassem por situações práticas com os olhos vendados, uma vez que o colega de sala apresenta deficiência visual, sendo uma adaptação da ideia de sensibilização a respeito da deficiência proposta por Houston-Wilson et al. (1997). Os alunos formaram duplas e cada uma destas recebeu uma venda, a qual foi utilizada de forma alternada pelos alunos, havendo sempre um vendado e um Tutor sem venda, sendo que todos eles deveriam realizar todas as atividades

propostas. É válido ressaltar que o aluno com deficiência visual participou de todas as atividades.

A sequência de atividades teve por objetivo geral trabalhar o que Houston-Wilson et al. (1997) denominam de técnicas de comunicação e ensino. Na primeira atividade, os Colegas Tutores tinham como tarefa conduzir o aluno vendado até a outra lateral da quadra poliesportiva, porém a única instrução permitida era a verbal, não podendo haver contato físico. Ao chegar à lateral, inverteu-se o aluno vendado e a atividade repetiu-se como pode ser visualizado na Figura 7, a seguir. O objetivo desta atividade foi justamente ressaltar aos alunos, assim como foi feito nas situações dos desenhos, a importância que a informação verbal e o diálogo de uma forma geral têm no dia a dia do aluno com deficiência visual.



Figura 7 – Vivência em grupo. Fonte: (FIORINI, 2008).

A segunda atividade abordou o uso da corda-guia a ser utilizada para facilitar o deslocamento do aluno com deficiência visual durante as atividades. Ainda em duplas, um vendado e outro sem venda, os alunos deveriam deslocar-se pela quadra usando a corda-guia, que foi confeccionada com barbante no comprimento de 50 cm (LIERBERMAN et al., 2001). As vantagens no uso da corda-guia dizem respeito à diminuição do medo apresentado pelo aluno com deficiência visual em atividades de deslocamento, o aluno ter mais espaço disponível e pode se sentir mais independente do que com as demais técnicas (LIERBERMAN et al., 2001) e o aluno com deficiência apresenta plena amplitude de movimento dos braços, ao mesmo tempo em que está próximo ao Colega Tutor (WINNICK, 2004).

Na Figura 8 pode ser visualizado uma das duplas durante a dinâmica em grupo com o uso da corda-guia:



Figura 8 - Vivência em grupo: uso corda-guia
Fonte: (FIORINI, 2008).

Para a realização da terceira atividade foi amarrada uma corda entre as duas traves de futsal existentes na quadra poliesportiva. Colocou-se uma argola nesta corda, sendo que a argola era livre e podia ser movimentada por toda a extensão da corda. Os alunos foram vendados e individualmente deveriam andar ou correr de um lado ao outro segurando na argola presa à corda. Em cada uma das traves havia uma pessoa, indicando, por meio de uma instrução verbal, o momento em que o aluno havia chegado ao final da corda. Antes do início da atividade, a mesma foi demonstrada. O objetivo foi trabalhar a independência do aluno com deficiência visual que, por meio do uso do cabo-guia pode correr sozinho, independentemente do tempo ou distância (WINNICK, 2004), além de poder correr para diversas direções, o modo de correr pode ser mais eficiente, com o balanço dos dois braços quase completos e, o aluno com deficiência assume um papel independente do Colega Tutor (LIEBERMAN et al., 2001). A Figura 9 exemplifica a atividade:



Figura 9 - Vivência em grupo: independência
Fonte: (FIORINI, 2008).

Terceira etapa do treinamento para Colegas Tutores

A terceira etapa do treinamento para Colegas Tutores foi realizada com um grupo de oito alunos, da turma, voluntários e selecionados pelo próprio aluno com deficiência visual, como sendo aqueles que comumente o acompanhavam e ajudavam durante as aulas de Educação Física, além do aluno com deficiência visual e do professor de Educação Física.

Esta etapa ateu-se ao treinamento específico, no qual foram reforçados os modos de condução do aluno com deficiência visual que pode ser segurando no braço do colega tutor, ou então, com a corda-guia; a importância da instrução verbal e a utilização desta como primeira fonte de informação dada ao aluno com deficiência; evitar puxões e empurrões, devendo sempre se identificar ao aluno com deficiência quando estiver se aproximando e, auxiliar e proteger o aluno com deficiência do perigo.

O treinamento específico iniciou-se com uma conversa com os nove alunos e com o professor de Educação Física, para pontuar e enfatizar as questões trazidas pelos desenhos e vivenciadas em quadra, nas etapas anteriores. Além do diálogo, o treinamento específico contemplou a prática de atividades que reforçaram tópicos como: os modos de condução que podem ser o aluno com deficiência visual segurando no braço do Colega Tutor, ou então, com a corda-guia; a importância da instrução verbal e a utilização desta como primeira fonte de informação dada ao Aluno com deficiência; evitar puxões e empurrões, devendo sempre se identificar ao Aluno com deficiência quando estiver se aproximando e, auxiliar e proteger o Aluno com deficiência do perigo.

Ao término do treinamento específico foi realizada uma avaliação, na forma escrita, com sete questões de múltipla escolha e uma questão aberta. As questões de múltiplas escolhas versaram sobre: 1) segurança do aluno com deficiência visual; 2) modos de condução; 3) aproximação e comunicação; 4) uso de objetos concretos; 5) feedback; 6) atividades de corrida e, 7) assistência física. A questão aberta era sobre a opinião dos alunos sobre as três etapas do treinamento de colega tutor e como isto poderia contribuir para a participação do aluno com deficiência nas aulas de Educação Física. O objetivo era analisar o grau de entendimento dos alunos com e sem deficiência sobre o assunto; o efeito que o treinamento para Colega Tutor teve em tal turma e, reforçar todo o conteúdo transmitido a eles

(SOUZA, 2008). Todavia, a maioria dos alunos voluntários ainda não era alfabetizada e, por isso, a pesquisadora fez a leitura das questões e respostas, uma a uma, e a cada uma das alternativas de respostas os alunos concordavam ou não com o que estava escrito, até que chegasse a uma resposta. O aluno com deficiência visual acompanhou a avaliação e sempre era indagado se concordava com as respostas. A Figura 10 representa o registro do momento da avaliação:



Figura 10 – Momento da avaliação final.

Fonte: (FIORINI, 2008).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Conscientes da existência, por muitas vezes, de um colega de classe que auxilia o aluno com deficiência de forma natural e espontânea, o treinamento do Colega Tutor é uma estratégia para preparar os alunos neste auxílio, tanto ao aluno com deficiência quanto ao próprio professor de Educação Física. Por meio do treinamento, os alunos podem aprender vários conteúdos, como as características da deficiência e as formas específicas de ajuda. Sendo assim, o Colega Tutor treinado é uma estratégia de ensino que pode ser utilizada para dinamizar a aula de Educação Física no contexto da inclusão educacional e, ainda, diminuir o preconceito, pois apresenta muitas informações importantes para a compreensão das necessidades e das capacidades dos alunos com deficiência.

REFERÊNCIAS

- BLOCK, M. E. *A teacher's guide to including students with disabilities in general physical education*. 2. ed. Baltimor: Paul H. Brookes, 2000.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Secretaria de Educação fundamental. Brasília, DF: MEC SEF, 1998.
- FIORINI, M. L. S. *Alunos e professor na dinâmica da inclusão: intervenção nas aulas de educação física*. 2008. 89 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2008.
- HOUSTON – WILSON, C. et al. Peer tutoring: a plan for instruction students of all abilities. *Brazilian International Journal Adapted Physical Education Research*, v. 68, n. 6, 1997.
- LIEBERMAN, Lauren. et al. (2001). A study of guide – running techniques for children who are blind. *Palaestra*, 20 – 26.
- LIEBERMAN, Lauren. O colega tutor nas aulas de educação física inclusiva. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A. (Org.). *Das margens ao centro: perspectivas para as políticas e práticas educacionais no contexto da educação especial inclusiva*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2010.
- NABEIRO, M. *Os efeitos da participação do colega tutor no nível de atividade física de alunos com deficiência visual total e parcial nas aulas de educação física inclusiva*. 2002, 24 f. Relatório de Afastamento (Pós – Doutorado) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2002.
- ORLANDO, Patrícia d'Azevedo. *A Inclusão e a Educação Física: Colega Tutor como estratégia de ensino*. 2007. 49p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2007.
- SEABRA JUNIOR, Manoel Osmar; MANZINI, Eduardo José. *Recursos e estratégias para o ensino do aluno com deficiência visual na atividade física adaptada*. Marília: ABPEE, 2008.
- SOUZA, Joslei Viana de. *Tutoria: estratégias de ensino para inclusão de alunos com deficiência em aulas de educação física*. 2008. 136 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.
- WINNICK, Joseph. *Educação física e esportes adaptados*. Barueri: Manole, 2004. 580 p.

NOTA SOBRE OS AUTORES

MARIA LUIZA SALZANI FIORINI

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação,
Unesp – campus de Marília.

E-mail: salzanifiorini@yahoo.com.br

MARLI NABEIRO

Docente do Departamento de Educação Física, Unesp -
campus de Bauru.

E-mail: mnabeiro@fc.unesp.br

Apoio: PROEX